

Entrevista ao jornal I

ANA SÁ LOPES

1 – O sr. dr. Estava exilado em Paris no dia 25. Como soube do golpe em curso em Lisboa? Já tinha informações anteriores de que poderia estar um golpe em curso?

M.S. - Estava em Bona onde tinha no dia seguinte, 25 de Abril, um encontro com o então Chanceler Willy Brandt. Além de minha Mulher, estava acompanhado pelos meus camaradas Tito de Moraes e Ramos da Costa. Na véspera, dia 24, tínhamos jantado com o ministro das Finanças da Alemanha, que se tinha batido, ao lado dos republicanos na guerra civil espanhola. Como eu tinha uns zuns-zuns que algo iria acontecer em Portugal, por causa das guerras coloniais, disse ao ministro o que previa acontecer... Não acreditou e disse-me: espere pela morte de Franco porque antes nada pode acontecer. Como se provou, na manhã seguinte acordaram-nos do Partido Social-Democrata Alemão a anunciar que algo estava a acontecer em Lisboa. Falámos pelo telefone com o nosso camarada Raul Rego, então director do Jornal República, que nos disse que havia um golpe militar, mas não sabia se era de Esquerda ou de Direita.

Resolvemos logo ir para França e dali para Lisboa...

2 – Quando o Partido Socialista é fundado, em 1973, alguns camaradas seus foram contra a constituição do partido porque acreditam que o regime está para durar. O senhor acha que o regime vai cair depressa. O que o levava a ter essa ideia em 73?

M.S. - Só alguns camaradas de Lisboa, entre os quais a minha Mulher. A razão invocada foi a de que um partido era mais inaceitável pela PIDE do que um movimento. E talvez acreditassem que o regime estava para durar. Alguns camaradas de Lisboa assim pensavam. Mas, curiosamente, os de Coimbra, do Porto e os exilados, votaram no sentido inverso: a favor do partido.

3 – Veio de comboio de Paris até Lisboa. Como é que tomou essa decisão, porque é que não escolheu o avião?

M.S. - Porque o aeroporto de Lisboa estava fechado e só tínhamos o comboio (o sud-express). Raul Rego, director do República, disse-nos que em Salamanca (última estação antes da fronteira) estaria alguém para nos avisar a continuar ou não. Mas o que vimos foi centenas de estudantes espanhóis, de cravo ao peito, a gritar: "viva Portugal". Por isso continuámos, no depois chamado "comboio da liberdade" e em todas as estações a sermos aplaudidos.

4 - Quando chega, é convocado imediatamente pelo general Spínola. O que lhe diz Spínola nessa altura?

M.S. - Não. Chegámos à Estação de Santa Apolónia e havia, dentro e fora da estação uma multidão a aplaudir-nos. Fomos levados ao primeiro andar e vimos então as pessoas a dar vivas à liberdade e aos militares do 25 de Abril. Tive então que falar à multidão, com um megafone que me deram. E quando falava, o meu camarada José Godinho gritou-me: "acabe com isso que o que o General Spínola quer vê-lo". Assim fizemos e fomos de automóvel para a Cova da Moura, conduzidos pela minha filha.

Spínola tinha sido companheiro de Tito de Moraes no Colégio Militar. Deu-lhe um abraço e depois levou-me para um gabinete e disse-me que estava muito preocupado com o que se poderia passar no dia 1 de Maio, com os comunistas à solta. Podia ser um banho de sangue... Respondi-lhe que não seria assim - como não foi - mas que me devia deixar e a um comunista fazer um apelo na televisão. E assim foi. O 1º de Maio foi uma grande festa da liberdade.

5 - Coube-lhe apresentar a democracia portuguesa, enquanto ministro dos Negócios Estrangeiros, ao mundo. Foi sempre bem recebido? Havia quem desconfiasse? Pode contar-me algumas histórias desse tempo?

M.S. - É verdade, fui sempre bem recebido. Não aceitei ser ministro sem pasta e só quis ser ministro dos Negócios Estrangeiros, o que no plano protocolar era bastante menor.

Eu já conhecia a maior parte dos dirigentes social-democratas e democratas-cristãos, os dois partidos que criaram a União Europeia. Foi uma sorte imensa. E todos me receberam de braços abertos. Com a América do Norte, não. Porque Kissinger estava convencido que eu ia ser o "Kerensky português" e devia ficar na América, com a família, porque ele me arranjava um lugar numa boa Universidade.

Enganou-se mesmo com Franco que não permitiu que os marines atravessassem a Espanha para atacar os comunistas portugueses. Eis uma história interessante que lhe posso contar e está escrita nos documentos americanos.

6- Como foi a relação inicial com Espanha, ainda debaixo da ditadura franquista?

M.S. - Curiosamente foi a melhor. E aqui conto-lhe uma história. Estava em Londres e por mero acaso encontrei Fernando Morán, discípulo de Tierno Galván e que mais tarde seria ministro dos Estrangeiros. Era então o nº 2 da Embaixada de Espanha, sendo o primeiro o galego Manuel Fraga Iribarne.

Disse-lhe que gostaria de o conhecer. Ficou de me responder no dia seguinte. E respondeu: não só te quer receber como te convida para almoçar.

Foi simpatiquíssimo e era amigo próximo de Franco, galego como ele. Perguntei-lhe claramente se Franco iria fazer, como na I República, que houve as incursões monárquicas espanholas. Riu-se e respondeu-me com grande franqueza: "nem pensar nisso". E acrescentou: "não esqueça que Franco é galego". Fiquei mais tranquilo.

Muitos anos depois li uns documentos americanos, já abertos ao público e neles se contava: o Presidente Gerald Ford e Henry Kissinger foram a Espanha quando os comunistas portugueses acreditavam que Portugal seria a "Cuba europeia". E pediram a Franco para permitir que os marines americanos atravessassem a Espanha, para lutar contra os comunistas portugueses. Franco foi decisivo: "nem pensar, Espanha e Portugal são países diferentes e que se respeitam".

7 - Recentemente morreu Adolfo Suarez que foi protagonista principal da transição espanhola. Como foram as suas relações com ele?

M.S. - As minhas relações com Adolfo Suarez, que tanto admirei, foram sempre excelentes. Tornamo-nos amigos. Foi um franquista que soube fazer, com enorme inteligência e valentia, a transição da ditadura franquista para a democracia.

8 - Portugal ajudou, de alguma maneira, à transição espanhola?

M.S. - Ajudou bastante e eu, modéstia à parte, fui um dos portugueses que mais ajudei a transição democrática espanhola. Os espanhóis desse tempo sabiam-no muito bem. Por exemplo: fui eu que convenci Suarez a deixar entrar em Espanha o líder comunista Santiago Carrillo, num célebre domingo de Páscoa. E isso ajudou a convencer a Europa que Suarez queria realmente a democracia.

9 - O dr. Mário Soares ainda comemora o 25 de Abril ao lado de Álvaro Cunhal, mas depois tornam-se quase inimigos. Quando é que se dá o corte definitivo entre os dois? Depois do 11 de Março, quando a esquerda militar começa a dominar e Vasco Gonçalves é nomeado primeiro-ministro?

M.S. - Cunhal foi meu regente de estudos no Colégio Moderno, antes de entrar na clandestinidade. Suscitou em mim uma grande admiração e simpatia. A ele se deve eu ter sido comunista no tempo do MUD Juvenil, no pós guerra. Mas deixei de o ser quando, sendo secretário

de Norton de Matos, membros do secretariado do PCP me obrigaram a tornar público o meu partido. Um disparate, mas que julgo não ter partido de Cunhal. Foi então que se deu o corte com o comunismo.

Sendo já socialista encontrei várias vezes Cunhal, no meu exílio, tratando-nos então por Dr. Mas fui esperá-lo quando, dois dias depois de mim, regressou do exílio.

Contudo, o corte deu-se quando Cunhal, como bom leninista que sempre foi, quis transformar Portugal na "Cuba do Ocidente". Tivemos muitos combates políticos, mas perdeu-os todos. Vide o livro de Carlos Brito "Álvaro Cunhal, sete fôlegos de um combatente». Mas sempre o respeitei. Fui Presidente da República - graças a ele, que no último momento mandou votar em mim. Quando ele fez oitenta anos escrevi um texto a elogiá-lo. E fui, com muito tristeza, como me competia, ao seu funeral.

Quanto a Vasco Gonçalves a coisa é outra. E com o seu fanatismo, fez imensos estragos.

10 - Os americanos chegam a pensar que Portugal está "perdido" e que ficará na órbita soviética... Falavam que poderia ser uma "vacina".

M.S. - Talvez Kissinger, mas não Carlucci, que desde que chegou a Portugal compreendeu de imediato o que se passava e era preciso fazer. Ao contrário do que se pensa, os soviéticos nunca quiseram que lhes fosse favorável uma vitória dos comunistas portugueses. Porquê? Porque lhes deitava abaixo a détente em que estavam empenhados.

11 - Conviveu muito com o então embaixador americano em Lisboa, Frank Carlucci. Aliás, o PCP acusava-o de ser da CIA... como via esses ataques?

M.S - Os ataques dos comunistas contra Carlucci foram completamente inúteis. Quanto a ser ou não da CIA, não sei dizer, nem isso nunca me importou. Ainda hoje penso que foi mais um acto de propaganda frustrado.

12 - Não há pergunta.

13 - Spínola é um dos rostos da revolução, mas depois tenta um golpe de direita que falha e é obrigado a sair do país. Fica depois ligado a brigadas de extrema-direita. Como foi o seu convívio com ele? Foi o senhor depois, enquanto Presidente da República, que quis que ele regressasse depois a Portugal e mantivesse todas as honras militares.

M.S. - Considero que esta pergunta é demasiado simplista. Spínola foi um grande chefe militar, de uma grande valentia aliás. Depois de sair da Guiné veio para o Continente e escreveu um livro *Portugal e o Futuro*, que teve uma enorme repercussão, anti-Caetano.

Em 25 de Abril foi chamado pelo grande herói, que devia estar no Panteão, Salgueiro Maia que pediu (para evitar derramamento de sangue) que Spínola viesse ao Carmo para levar preso Marcelo Caetano. O que ele fez. Quem o fez Presidente (não eleito) foram os militares de Abril.

Não sei se tentou ou não um golpe militar em 11 de Março de 1975, muito menos se tinha relações com a extrema-direita, mas lá que fugiu, fugiu. Os tempos nessa altura eram duros e muitos pensavam que os comunistas iam ganhar. Mas enganaram-se.

Normalizada a situação política e militar, no tempo do Presidente Eanes, era normal que Spínola regressasse a Portugal, como aconteceu.

14 - O senhor ajuda a reabilitar Spínola, envolvido na rede bombista de extrema-direita, e Otelo, envolvido nas FP-25. Foi em nome da reconciliação nacional? Por que decidiu assim?

M.S. - Com a normalização democrática conseguida, como aconteceu, não fazia qualquer sentido perseguir Spínola ou Otelo que, cada um à sua maneira, contribuíram para o 25 de Abril, que foi um movimento pacífico que entusiasmou a Europa e o Mundo.

15 – Hoje, 40 anos depois do 25 de Abril, cumpriram-se como esperava os três D – descolonização, democracia, desenvolvimento?

M.S. - Sem dúvida nenhuma e por esta ordem: descolonização, democratização, desenvolvimento. Se a ordem fosse outra, muita coisa teria falhado. Mas insisto: quem fez e ganhou a Revolução dos Cravos, que entusiasmou toda a Europa e o Mundo, foram exclusivamente os militares do MFA.

16 – Nas últimas duas comemorações do 25 de Abril, optou por não estar presente na Assembleia da República. Desta vez, já decidiu o que vai fazer?

M.S. - Claro. Fui sempre solidário com os militares do MFA, especialmente com os que não se deixaram embalar pelos comunistas, como foi o caso do Grupo dos Nove e outros.

Por isso este ano vou, mais uma vez, estar ao lado deles, mas não só. Gostaria de mostrar o 25 de Abril visto de fora, isto é: pelo estrangeiro.

17 – Foi um dos principais obreiros da adesão de Portugal à então CEE. Como é que vê a situação europeia hoje, com a Alemanha, a França e o Reino Unido a quererem expulsar imigrantes europeus e o facto de estarmos obrigados a um tratado orçamental que nos obriga a atingir um equilíbrio nas contas que, na prática, impede políticas socialistas?

M.S. - A crise é um facto dinâmico e populista e em toda a Europa. A solidariedade europeia, elemento fundamental da União, desapareceu. Os dois partidos políticos que construíram a Europa foram os social-democratas, socialistas e trabalhistas e também os democratas-cristãos. Hoje só há populistas. Embora se intitulem social-democratas e democratas-cristãos. O populismo venceu, destruindo os Estados em favor dos mercados. Mas tudo isso vai mudar em Maio, espero, na Europa e em Portugal. É fatal.

Por isso estou optimista mas também, creio, realista.

18 – Hollande teve uma grande derrota nas autárquicas de França e a votação em Marine Le Pen subiu bastante. Os socialistas e sociais-democratas europeus estão a conseguir dar resposta aos anseios da população?

M.S. - A situação em França é muito difícil e foi criada por Sarkozy. A derrota de Hollande foi grave. Mas creio que aprendeu a lição e tenho alguma esperança do novo Governo de Manuel Valls.

19 – Em Portugal, acha que o PS está a conseguir dar resposta aos eleitores que buscam uma verdadeira alternativa de governo?

M.S. -. Veremos o que se passa nas próximas eleições para o Parlamento Europeu. Vão ser decisivas, espero.

20 – Tem netos pequenos. Como lhes explica o 25 de Abril e o seu papel na história? Como é que fala com eles sobre isso?

M.S. - Como o dia mais feliz da minha vida. Conto-lhes o que sei e vivi.